Ano 15.º — Sabado, 20 de Janeiro de 1923 — N.º 760

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

A crise de "O Democrata,,

Novos e pesados encargos que obrigam á alteração de preços

Com a entrada do ano de 1923 caíu sobre nós uma tão pesada avalanche de novos encargos que, se não conseguiu esmagar-nos, deu, todavia, logar a profunda meditação sobre a sorte que ao *Democrata* está reservada, assim como a toda a imprensa queixosa do mesmo mal, se as coisas se não modificarem por forma a atenuar, pelo menos, a grave situação em que nos encontramos. E' que agora foi tudo: o correio, a industria papeleira e a tipografia. Deante das exigencias dos tres capitaes factores de que depende a vida do jornal, confessamos que ficámos perplexos, quasi sem fôlego para proseguir na ardua tarefa em que temos consumido uma boa parte da nossa mocidade. Expliquemos as razões. No respeitante aos portes do correio, para Aveiro, visto que continua a isenção de franquia para o resto do país, o que até ontem custava 1/4 de centavo por cada jornal passou a 2 centavos ou sejam 700 por cento mais; para as colonias a estampilha era de 2 centavos passando a 10 ou sejam 400 por cento mais e para o estrangeiro o que se fazia com 8 centavos passou a 20 o que equivale a 150 por cento mais!

O papel, esse, aumentou, *só*, 40 por cento e a tipografia, em consequencia de *O Democrata* a não possuir propria, diremos apenas aos nossos assinantes que o que lhe temos de dar pela composição e impressão é tanto como o que chegaria, na época normal, para pagar 15 anos do mesmo serviço! Isto sem falar em despesas de cobrança e tantas outras que o jornal acarreta, como recibos, cintas, livros de registo, etc., etc.

A' vista do exposto e tendo *O Democrata* fechado o ano de 1922 com um *deficit* de 1.060$00 devido ao preço excessivamente baixo por que eram cobradas as assinaturas, resolvemos de novo aumentar estas em relação com os enormes encargos acima descritos, **sem lucro algum para nós**, devendo por isso *O Democrata* custar anualmente:

No continente	**10$00**
Ultramar (colonias)	**20$00**
Estrangeiro	**25$00**

Nós temos recebido dos nossos amigos e assinantes exuberantes provas de apoio, confiança e solidariedade. Se, como esperamos, elas continuarem, continuará *O Democrata*. No caso contrario vêr-nos-emos forçados a suspender porque dinheiro e trabalho é demais para quem só ganha o suficiente para o pão de cada dia á custa de aturadas canceiras e sacrificios sem conta.

O nosso julgamento

Está marcado para o dia 30 do corrente, devendo chamar ao tribunal grande numero de pessoas a quem não passaram despercebidas as causas que deram origem ao processo do M. P.

Na vespera do aniversario do movimento republicano do Porto, vem mesmo a proposito.

Museu de Aveiro

O sr. Silverio Junior entregou esta semana á Direcção Geral de Belas Artes o relatorio da sindicancia aos actos do director do nosso museu, Marques Gomes, tendo ao mesmo tempo remetido ao delegado do Procurador da Republica nesta comarca os documentos que devem servir de base ao processo-crime por inconfidencia de materia de serviço e falsas informações em documentos oficiais, que vai ser instaurado contra o ex-comissario de policia Faustino de Andrade.

Bom trabalho, mas desconfiâmos muito que nos tempos que vão correndo nada aproveitarão dele a moralidade e a justiça.

UM EMPRESTIMO

O govêrno quer dinheiro. Nada menos de quatro milhões de libras ele deseja obter, por emprestimo, naturalmente para com elas proceder ás economias que anunciou e aí se acham patentes aos olhos de todos, tornando-o digno da confiança publica...

Um emprestimo! Olhem que já é arrojo e... descaramento.

Não é cá

O correspondente de Lisboa para o *Jornal de Noticias*, do Porto, diz na sua carta de 13 publicada em 14, que o deputado Sá Pereira falou na Camara e que, acusando de ladrões varios funcionarios a que só faltou dizer os nomes, citou aquela tramoia dos predios que se estão fazendo em Aveiro com o dinheiro roubado dos T. M. do E., caso que deveras nos surpreende por desconhecermos, em absoluto, quais esses predios sejam.

Isso, com toda a certeza, não é cá.

As taxas postais

Tendo sido enormemente aumentadas, houve um jornal que classificou esse acontecimento de rematada loucura, de tremenda brutalidade.

E está tudo dito.

Benemerencia

Do sr. dr. Artur Pinto Basto recebemos para a demente Maria Fartura a pensão mensal de 1$50 com que resolveu socorre-la enquanto vivo fôr, quantia que já entregámos e muito agradecemos ao antigo deputado da nação, residente em O. de Azemeis.

O Democrata *vende-se no quiosque Raposo, Praça Marquez de Pombal.*

FESTA MILITAR

Com a presença do sr. general comandante da 5.ª Divisão do Exercito, Simas Machado, teve ante-ontem logar na parada do Quartel de Sá a cerimonia da imposição das insignias da Cruz de Guerra ao major de cavalaria 8 Antonio Pereira da Cunha e Costa, natural de Ovar, cerimonia a que tambem assistiram contingentes de todas as forças de Aveiro, autoridades civis, professorado, academia, corporações de bombeiros, associações, as duas bandas marciaes e muito povo, ouvindo no meio de religioso silencio os discursos proferidos em honra do homenageado pelos seus feitos heroicos de Africa durante o conflicto com a Alemanha e que fôram postos em relêvo tanto pelo coronel Carlos Guimarães como pelo ilustre general no meio das forças formadas em quadrado.

O major Cunha e Costa recebeu, no final, as felicitações dos seus camaradas e amigos depois do que as tropas e convidados se dirigiram para a Praça da Republica ao lado da qual se ergue o edificio do liceu e em cujo atrio fôra resolvido expôr o *Lampadario* que deve alimentar a *Chama da Patria* junto do tumulo dos soldados desconhecidos, no Mosteiro da Batalha.

Antes, porém, de se proceder ao descerramento dessa inegualavel obra de arte, a que no proximo numero nos referiremos mais desenvolvidamente, e que a bandeira nacional envolvia, realisou-se na sala da biblioteca uma sessão solene cheia de brilhantismo, que só lamentamos não poder descrever com toda a amplitude, dado o cunho patriotico de que foi revestida.

Presidiu o sr. general Simas Machado, secretariado pelos srs. governador civil, presidente da camara, delegado do Procurador da Republica, comandante militar, capitão do porto e reitor do liceu, respectivamente os srs. Jaime Vilares, dr. Lourenço Peixinho, dr. Alvaro Ponces de Oliveira Pires, Pinto Queimada, Rocha e Cunha e dr. Alvaro de Moura.

O sr. Simas Machado, após agradecer a honra da escolha, faz o elogio dos soldados desconhecidos que repousam sob as abobodas do grandioso monumento da Batalha e ao lado dos quaes vai ser colocada a *Chama da Patria*, que os alumiará eternamente. Faz votos por que a sua entrada no historico Mosteiro seja o começo duma vida nova em Portugal e apela para que a Patria se engrandeça pelo acabamento dos odios, das más querenças e das retaliações entre os homens.

Uma estrepitosa salva de palmas abafa as ultimas palavras do orador, seguindo-se-lhe o professor do liceu, sr. padre Manuel Rodrigues Vieira, que produz um discurso correcto, bem burilado, cheio de magnificos conceitos e ao qual poz termo com o seguinte sonêto:

O soldado desconhecido

O nome não se sabe do soldado
Que a vida foi perder em sólo estranho?
Que deixou o seu lar idolatrado
Por força do dever, e não por ganho?

Mas ele ha muito está... biografado,
No todo, no conjunto, no tamanho...
—Ou fosse da lavoura, e dô arado,
Das artes, dum oficio, dontro amanho!

—Herdeiro desta raça onipotente
Que tem-se enaltecido tanta vez,
Tem, na resalva, a nota de valente...

Honrando sempre a farda, e seu arnez:
—Em suma, poderei cre-lo, piamente
—Não é desconhecido—é português!

Depois de muito aplaudido pela numerosa e seleta assistencia, levanta-se o presidente da Comissão Executiva da Camara, que desta maneira fala:

Senhor General,
Minhas Senhoras e Meus Senhores:

A cidade de Aveiro recebe com entusiasmo e orgulho, a honrosa missão de V. Ex.ª e agradece sensibilisada e reconhecida a exposição do precioso lampadario, que vai alumiar a derradeira morada dos dois herois desconhecidos, que nas lutas da Africa e da Flandres deram a sua vida pela Patria.

Terra de artistas humildes, mas sentimental, patriota e emotiva, Aveiro compreende tambem o alto merecimento dessa joia, que a Divisão vai colocar na Batalha, onde arderá, enquanto existirem portugueses, a chama da devoção, da saudade e da fé de todos nós.

O túmulo dos nossos soldados é ao mesmo tempo o sacrario das nossas glorias e a Arca Sagrada das nossas esperanças. O vosso lampadario, votivo e evocativo, alumiando os mortos, vai alumiar tambem todos os portugueses, que á sua luz bruxuleante poderão enxergar melhor o caminho do dever, e resarcir a sua alma para melhor lutarem pelo engrandecimento da Patria.

Nesse lampadario, tão carinhosamente cinzelado, não vai arder sómente o azeite das oliveiras da nossa terra: vai arder, sem se consumir, a alma de Portugal, glorificando no sacrificio da chama e da luz, toda a historia da nossa Raça!

Seja V. Ex.ª, senhor General, portador dos votos e das orações com que os aveirenses acompanham a vossa oferenda á memoria dos nossos herois; seja V. Ex.ª portador da devoção e da saudade com que as nossas almas relembram a memória sacrosanta dos seus martires, vitimas da honra e do dever

E se Portugal, como todos reconhecem, atravessa ainda horas dificeis, ensombradas, quasi tenebrosas, que o dia em que o vosso lampadario se acender, sob as abobadas venerandas da Batalha, seja o dia em que um novo sol de concordia, de redenção e de prosperidade, desponte no horisonte para todos os portugueses!

Senhor General:

Permita-me que cumprimente V. Ex.ª agradecendo a sua honrosa visita, e que na sua pessoa eu saúde, em nome de Aveiro, todo o brioso elemento militar da 5.ª Divisão do Exercito, quem concebeu tão bela ideia, e que lhe deu expressão, arrancando do ferro um poema em que a nossa historia perpassa triunfante, desde o elmo de Afonso

COISAS DA CATOLICA

O bispo de Coimbra em fóco

Uma censura e o nosso correctivo

Ainda a proposito da façanha do mitrado de Coimbra que aqui, á face da razão e do Evangelho, profligamos, não deixaremos sem referencia, mas sem honras de resposta, o que ha tempos aí apareceu num papel, sob a espalhafatosa epigrafe—*Apelando da sentença*—papel onde um enfatuado e ignorante qualquer, sem proposito, engranzou meia duzia de citações biblicas, á mistura com arrotos de erudição barata. Com ares farçolas e de filaucia, chama-nos ignorante, quando tão facil é mostrar-lhe que, por incapaz, se expoz ás mais aceradas e merecidas retaliações, inabilmente dando conselhos como se a logica e o Evangelho se compadecessem com as suas ignaras parlapatices.

O procedimento do prior da Vera Cruz, sufragando até á ultima morada o cadaver dum colega que deixou expressamente declarado *que queria ser acompanhado pelo paroco da freguesia onde falecesse*, por qualquer lado que se encare, está bem á altura dum missionario de Cristo, que deixou estabelecido que—*o verdadeiro pastor dá a vida pelas suas ovelhas*—a não ser que, em assunto que tão de perto respeita á salvação das almas, como são os sufragios, vigorem as disposições farisaicas dos canones, com que se abroquela a figura sinistra do mitrado de Coimbra, e fiquem letra morta os puros e divinos ensinamentos de Cristo que resumiu toda a lei e os profetas, no amor entre os homens, e da misericordia e perdão das culpas fez a sintese de toda a evangelização cristã.

Cremos bem que o procedimento do prior da Vera Cruz, sem reserva e limpo de odios sectaristas, se abona com o espirito do Evangelho onde Cristo diz: *Vinde a mim, vós todos que sofreis e todos os infelizes, aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.*

Bem haja, pois, a *crassa ignorancia* do levita em questão, que, passando por cima da enfatuada sciencia dos canones, sem orgulho e mais caridade, segundo a vontade de Cristo e não conforme os desejos do mitrado de Coimbra, tão nobremente cumpriu o seu dever.

Santa *ignorancia*, que fechou os olhos a essas leis, em cujas malhas, tufadas de maldade, paralisaram, como aranhas inertes, as almas desses sicarios, sem fé, nem entranhas, que fizeram da obra de Cristo um manto indecoroso de expoliações e de crimes de toda a especie.

Feito doutor da lei, o irrisorio defensor do deshumano procedimento do mitrado de Coimbra, vem, com ares de padre mestre, num rosario de citações impertinentes no caso, que, em resumo, querem dizer que a Igreja é continuadora da missão de Cristo, que temos de ouvir e acatar os seus ministros, por que quem os ouve e atende, a Cristo atende e ouve. Falta acrescentar a todo este palavreado, para ser verdadeiro, que o nosso acatamento e veneração deixam de existir, quando os mitrados, como o de Coimbra, pela sua conduta e preceitos, contrariam a letra ou o espirito da doutrina evangelica que, pela sua primasia e duração, é anterior a toda a velhacaria canonica. De modo que, segundo o criterio do infeliz autor do famoso estendal de asneiras que aí apareceu, o mitrado, seja ele qual fôr, tem sempre o direito de censura, mesmo sem excepção do caso em que, para isso, não ha razão, como no elevado procedimento do prior da Vera Cruz.

Esta não é bem de cabo de esquadra, mas sobreleva-o. Quando Cristo preceituou a doutrina contida naquelas transcrições, ela saiu da sua boca perfumada de ternura e perdão, para se acoutar no coração dos puros e humildes que, fortalecidos pela fé e pelo amor, se converteram em apostolos e martires, até ao despreso e sacrificio da propria vida.

Ele mandou prégar o Evangelho, derramar luz e espalhar consolação desinteressadamente, ordenando que déssem de graça o que de graça se lhes deu; mas isto não se entende com o mitrado de Coimbra e outros da mesma força, porque estes ou tragam tiára, mitra, quico ou chapeu de maçanêtas, são os representantes, em linha recta, dessa Igreja torva e sinistra, que, na terra, milhares de vezes prostituiu as doutrinas de Cristo, desde as fogueiras da Inquisição, acesas em nome do manso Jesus, até á venda infame das indulgencias, comportadas em libras tornezas, com que se redemiam os mais nefandos crimes e asquerosas torpezas, como sucedeu no tempo de Leão X para sustentar os desvarios criminosos desses magnates de baculo e cruz.

Ele não nos mandou prestar obediencia nem ouvir a palavra desses manipanços, com vestes de purpura, ôdres de ambições e vicios que alagaram de sangue a Europa com a furia das guerras religiosas, e que converteram a doutrina de Cristo, toda espirito e verdade, pura e simples, numa idolatria hedionda que é uma afronta á civilisação e o envilicimento da razão humana, nada menos que o culto das imagens, abominada nas sagradas paginas.

Um revolucionario como Cristo, que nasceu num curral, viveu pobre, consolando os infelizes e aliviando amarguras, que não tinha onde reclinar a cabeça, prégando a igualdade, descalço, sem nunca saber o que seria uma indigestão, e, perdoando, expira entre dois vadios, pode ter como continuador da sua missão o prior da Vera Cruz, mas não o mitrado de Coimbra e outros do mesmo quilate como os grandes *maduros*—bispo de Beja, Leão X, Alexandre VI e Xisto V—e uma infinidade deles que escusado é enumerar. O enfatuado escrevinhador recomenda-nos a leitura de Camilo, A. da Costa, Bossuet para sabermos de religião!

Atendendo, neste particular, ao pedido do *Amado que veiu á lã e ficou tosqueado* aqui reproduzimos um bocadinho de ouro de Camilo, na *Questão da Sebenta*, pelo qual se avalia da consciencia com que palra o ignorante, assim como da sua perspicacia e bagagem de conhecimentos.

Diz assim Camilo: *A fé incute-nos a evidencia da transubstanciação eucaristica. Com farinha triga e a benção aqui do meu vigario, que acabou de almofaçar a sua egua e as espaduas não menos nedias da sua criada, e com algumas frases cabalisticas, temos o corpo de um Deus, em hostias de 10 reis a duzia, um Deus por cabeça, que se recolhe ao estomago, e se digere com o bolo alimenticio, á mistura com o bacalhau e o puxavante do alho, numa caldeirada interna de tanino filoxerado e numa alegria dos anjos!*

A nossa religião, um pouco *madura*, mas de paz e de amor, manda-nos ter compaixão dos infelizes que falam de mais e não sabem o que dizem.

Henriques, até ao capacete de aço do soldado da grande guerra!

Tambem assaz ovacionado, a sessão decorre agora no meio do entusiasmo de dois novos, os tenentes Humberto de Almeida e Alberto Mendonça, que discursam com alma, imprimindo ás suas orações um cunho patriotico de acentuado relêvo.

Ao terminarem é apresentado o sargento Lourenço de Almeida, o talentoso artifice que executou a obra prima que ai temos exposta até ámanhã e que o sr. general fez aparecer aos olhos de centenares de pessoas soltando um viva á Patria. Momento soléne, esse, em que a Praça da Republica e o atrio do liceu ofereciam um espectaculo empulgante, como poucas vezes entre nós se tem observado. As tropas em continencia, o hino nacional cortando o espaço, os sinos da camara repicando festivamente e a multidão manifestando-se, formavam um conjunto tão impressionante que só dispondo de muito espaço dele se poderia dar palida ideia. Mas este falta-nos e por isso temos de obedecer ás ordens do tipografo, terminando, embora contrariados por não podermos, ao menos, manifestar em meia duzia de linhas á guarnição de Aveiro todo o nosso reconhecimento pelas horas agradaveis, inesqueciveis, proporcionadas áqueles que tiveram ocasião de assistir á sua patriotica festa.

NECROLOGIA

Faleceu na segunda-feira o sr. Joaquim Simões Franco, que durante muito tempo fôra empregado na Caixa Economica Aveirense, passando depois a exercer as funções de secretario no antiga Junta Geral do Distrito e aposentando-se antes da sua extinção.

Contava 87 anos, tendo-lhe a morte inesperada dum filho muito querido—Renato Franco—abalado profundamente a resistencia do seu organismo, até que sobreveio o desenlace fatal.

Honrado, probo e modesto, a sua vida pode ser apontada como modêlo.

Os nossos pezames a sua familia.

——

Tambem deixou de existir o conhecido *Toca ou não toca* que emquanto poude foi um trabalhador incansavel.

Paz á sua alma.

Selos do correio

Comemorando o aniversario do *raid* Lisboa-Rio de Janeiro, vão ser creados sêlos postaes das seguintes taxas: $01, $02, $03, $04, $05, $10, $15, $20, $25, $30, $40, $75, 1$00 e 2$00 das côres eguaes ás taxas correspondentes dos sêlos postaes em uso, e cuja aposição na correspondencia, em substituição dos sêlos usuais, é obrigatoria nos dias 30 e 31 de março e 1 de abril proximos.

Uma farturinha para os colecionadores.